

erin watt

HERDEIRO
CAÍDO



SÉRIE THE ROYALS – LIVRO 4

Tradução
Regiane Winarski

 essência

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Capítulo 1



— Lembrem que, independentemente da função que vocês escolham, a soma das diferenças é controlada pela primeira e pela última — conclui a professora Mann na hora em que o sinal toca para indicar o fim da aula. É a última do dia.

Todo mundo começa a arrumar as coisas. Todo mundo, menos eu.

Eu me encosto na cadeira e bato com o lápis na beirada do livro, escondendo um sorriso enquanto vejo a nova professora tentar segurar a atenção dos alunos, que está desaparecendo rapidamente. Ela fica bonita quando está nervosa.

— Partes 1A e 1B para amanhã! — grita ela, mas ninguém mais ouve. Todo mundo está saindo correndo pela porta.

— Você não vem, Easton? — Ella Harper para ao lado da minha mesa, os olhos azuis me observando. Está magra nos últimos tempos. Acho que o apetite a abandonou na mesma época que meu irmão.

Bom, não que Reed tenha *abandonado* Ella. Meu mano mais velho ainda é doido por ela, nossa irmã meio que adotiva. Se não a amasse, ele teria escolhido ir para alguma faculdade chique bem longe de Bayview. Mas foi para a State,

que fica perto o suficiente para eles poderem se visitar nos fins de semana.

— Não — respondo. — Tenho uma pergunta pra profe.

Os ombros magros da professora Mann tremem quando minhas palavras chegam a ela. Até Ella repara.

— East... — Ella para de falar, e os lindos lábios formam uma careta.

Consigo ver que ela está elaborando um sermão para dizer que preciso me comportar melhor. Mas só tivemos uma semana de aulas e já estou morrendo de tédio. O que mais tenho para fazer além de pegar todas? Eu não preciso estudar. Mal me importo com o futebol americano. Meu pai me proibiu de voar; desse jeito, nunca vou tirar a licença de piloto. E, se Ella não me deixar logo em paz, vou esquecer que ela é a garota do meu irmão e seduzi-la só por diversão.

— Vejo você em casa — digo para ela com a voz firme. A professora Mann está flertando comigo sem parar desde o primeiro dia de aula e, depois de uma semana trocando olhares quentes, vou pra cima. É errado, claro, mas é isso que torna tudo excitante... para nós dois.

É raro que a Astor Park Prep contrate professoras jovens e gostosas. A administração sabe que tem garotos ricos e entediados demais aqui procurando desafios. O diretor Beringer já precisou acobertar mais de um relacionamento entre professores e alunos, e não estou nem contando com a indústria dos boatos para dizer isso, porque um desses relacionamentos “impróprios” foi meu. Isso se você considerar dar uns amassos na professora de nutrição atrás do ginásio como *relacionamento*.

Eu não considero.

— Não ligo de você ficar pra ver isso — digo para Ella, cujos pés teimosos estão grudados no piso —, mas acho que você vai ficar mais à vontade esperando no corredor.

Ela me lança um olhar fulminante. Muito pouco passa sem que ela perceba. Ela cresceu em lugares duvidosos e sabe das coisas. Ou só sabe como sou depravado.

— Não sei o que você está procurando, mas duvido que encontre embaixo da saia da professora Mann — murmura ela.

— Não vou saber se não olhar — respondo.

Ella suspira e cede.

— Toma cuidado — aconselha em um tom alto o suficiente para chegar à professora Mann, que fica vermelha e olha para o chão quando Ella sai.

Sufoco um sentimento de irritação. Pra que tanto julgamento? Estou tentando viver minha melhor vida aqui e, desde que não faça mal a ninguém, qual é o problema? Eu tenho dezoito anos. A professora Mann é adulta. E daí se o emprego atual dela é “professora”?

A sala é tomada por silêncio depois que a porta se fecha com a saída de Ella. A professora Mann mexe na saia azul-clara. Ah, merda. Ela está em dúvida.

Estou um pouco decepcionado, mas tudo bem. Não sou desses caras que têm que trepar com todas as garotas que conhecem, principalmente porque tem um monte por aí. Se uma garota não está interessada, é só ir atrás da próxima.

Eu me inclino para pegar a mochila, e um par de saltos bonitos aparece no meu campo de visão.

— Tem uma pergunta, senhor Royal? — questiona a professora Mann em voz baixa.

Levanto a cabeça lentamente, observando as pernas longas, a curva do quadril, o recorte na cintura onde a blusa branca recatada está enfiada na saia igualmente modesta. O peito sobe sob meu olhar, e a pulsação no pescoço dela dispara.

— Tenho. Você tem alguma solução para o meu problema de sala de aula? — Coloco a mão no quadril dela. Quando ela

ofega, eu passo o dedo pela cintura da saia. — Estou tendo dificuldade de me concentrar.

Ela respira fundo.

— É mesmo?

— Aham. Acho que é porque, sempre que olho pra você, tenho a sensação de que você também está tendo dificuldade de se concentrar. — Dou um sorriso leve. — Talvez porque fique fantasiando ser debruçada por cima da mesa enquanto todo mundo da aula de cálculo fica assistindo.

A professora Mann engole em seco.

— Senhor Royal. Não tenho a menor ideia do que você quer dizer. Por favor, retire a mão da minha cintura.

— Claro. — Desço a palma da mão, e meus dedos roçam na barra da saia. — Aqui está melhor? Porque eu posso parar completamente.

Nossos olhares se encontram.

Última chance, professora Mann. Nós dois estamos intensamente cientes de que estou estragando a saia e possivelmente a reputação dela, mas os pés dela estão grudados no chão.

A voz soa rouca quando ela finalmente fala.

— Tudo bem, senhor Royal. Acredito que você vá descobrir que a solução para o seu problema de concentração está nas suas mãos.

Eu enfio a palma da mão embaixo da saia dela e abro um sorriso arrogante.

— Estou tentando eliminar as funções problemáticas.

As pálpebras dela tremem em rendição.

— Nós não devíamos estar fazendo isso — diz ela, engasgada.

— Eu sei. É por isso que é tão bom.

As coxas dela se apertam na minha mão. A ousadia dessa cena, de saber que podemos ser pegos a qualquer momento, de saber que ela é a última pessoa em quem eu deveria estar tocando, torna tudo um milhão de vezes mais excitante.

A mão dela segura meus ombros, e os dedos afundam no blazer Tom Ford de dois mil dólares feito para a escola enquanto ela tenta se equilibrar. Meus dedos fazem sua magia. Sons baixos e abafados preenchem a sala vazia até não haver nada além da respiração pesada dela.

Com um suspiro satisfeito, a professora Mann se afasta, passando a mão pela saia amassada antes de ficar de joelhos.

— Sua vez — sussurra ela.

Estico as pernas e me encosto. Cálculo avançado é a melhor aula que já tive na Astor Park.

Quando termina de me dar o crédito extra, um sorriso hesitante surge no rosto dela. O cabelo roça no alto das minhas coxas quando ela se inclina para murmurar:

— Pode ir à minha casa esta noite. Minha filha dorme às dez.

Fico paralisado. Tudo poderia ter terminado de muitas formas, mas eu tinha esperanças de evitar isso. Umas dez desculpas surgem na minha mente, mas, antes que eu consiga dizer uma, a porta da sala se abre.

— *Ah, meu Deus.*

A professora Mann e eu nos viramos para a porta. Tenho um vislumbre de cabelo preto e do blazer azul-marinho da Astor Park.

A professora Mann fica de pé e cambaleia. Eu dou um pulo e a seguro. Ela está de joelhos bambos, e eu a ajudo a se apoiar em uma carteira.

— Ah, Deus — diz ela, com voz entorpecida. — Quem era? Você acha que ela viu...?

Viu a professora Mann de joelhos, viu que minha calça está aberta e a roupa dela está amassada? Ahn, sim. Ela viu.

— Ela viu — respondo em voz alta.

A confirmação só a deixa mais nervosa. Com um gemido angustiado, ela esconde o rosto nas mãos.

— Ai, Deus. Eu vou ser demitida.

Termino de me ajeitar e pego a mochila, enfiando minhas coisas rapidamente dentro.

— Que nada. Vai ficar tudo bem.

Mas não falo com muita confiança, e ela sabe.

— Não, não vai ficar tudo bem.

Lanço um olhar preocupado para a porta.

— Shh. Alguém vai ouvir.

— Já *viram* a gente — sussurra ela, o pânico enchendo os olhos e deixando as pernas trêmulas. — Você precisa procurar aquela garota. Encontre-a e faça sua magia de Easton Royal e não deixe que ela fale nada.

Minha magia de Easton Royal?

A professora Mann continua falando com pressa antes que eu consiga perguntar que porra ela espera que eu faça.

— Eu não posso ser demitida. *Não posso*. Tenho uma filha pra sustentar! — A voz dela começa a tremer de novo. — Resolva essa situação. Por favor, saia e *resolva* isso.

— Tudo bem — falo para ela. — Vou resolver. — Não faço ideia de como o farei, mas a professora Mann está a dois segundos de um colapso nervoso.

Ela solta outro gemido baixo.

— E isto nunca mais pode acontecer, entendeu? Nunca mais.

Por mim, está ótimo. O ataque de pânico dela matou o clima, junto com qualquer interesse de repetir. Gosto que meus casos terminem de forma tão agradável quanto começam. Não tem nada de sexy em estar com uma garota arrependida, então, é bom ter certeza desde o começo de que ela está totalmente a fim. Se houver qualquer dúvida sobre o interesse dela, melhor não.

— Pode deixar — digo, assentindo.

A professora Mann me olha com expressão de súplica.

— Por que você ainda está aqui? Vai!

Certo.

Coloco a mochila no ombro e saio da sala. No corredor, faço uma avaliação rápida. Está mais cheio do que deveria. Por que todo mundo está enrolando nos corredores? As aulas acabaram, caramba. Vão pra casa, pessoas.

Meu olhar vai até Felicity Worthington, que joga o cabelo louro platinado por cima do ombro. Claire Donahue, minha ex, me perfura com um par de olhos azuis esperançosos; ela anda doida pra voltarmos desde que as aulas começaram. Evito o olhar dela e sigo para Kate e Alyssa, as irmãs Ballinger. Nenhuma delas tem cabelo preto. Observo o resto do corredor, mas não vejo nada.

Estou prestes a me virar quando Felicity se inclina para sussurrar alguma coisa no ouvido de Claire e, no espaço previamente ocupado pela cabeça de Felicity, aparece *ela*. O rosto da garota está virado para o armário, mas o cabelo é inconfundível, tão preto que fica quase azul embaixo da luz fluorescente.

Saio andando.

— Easton. — Eu ouço Claire dizer.

— Não se humilhe — aconselha Felicity.

Eu ignoro as duas e continuo andando.

— Oi — digo.

A garota ergue o olhar do armário. Olhos cinzentos assustados colidem com os meus. Um par de lábios rosados se abre. Espero o sorriso dela, a reação que obtenho de noventa e nove por cento das mulheres, independentemente da idade. Mas não aparece. Em vez disso, ganho um monte de cabelo na cara quando ela se vira e sai correndo pelo corredor.

A surpresa atrasa minha reação. Isso e o fato de eu não querer chamar a atenção da plateia. Com indiferença, fecho o armário dela antes de seguir o corpo que foge pelo corredor. Quando dobro a esquina, também saio correndo. Com minhas pernas bem mais longas, consigo alcançá-la em frente ao vestiário.

— Ei — falo, me posicionando na frente dela. — Onde é o incêndio?

Ela para de repente e quase cai. Seguro o ombro dela para que ela não vá de cabeça em direção ao piso.

— Eu não vi nada — diz ela de repente, se soltando da minha mão.

Eu olho por cima do ombro dela para ter certeza de que não temos plateia, mas o corredor está vazio. Que bom.

— Claro, não viu. Foi por isso que você saiu correndo igual a uma criança pega com a mão no pote de biscoito.

— Tecnicamente, era você que estava com a mão no pote de biscoito — responde ela. E fecha bem os lábios quando percebe o que admitiu. — Não que eu tenha visto alguma coisa.

— Aham. — O que eu faço com essa belezinha? Pena que tenho que conseguir o silêncio dela à base do medo.

Eu chego para a frente. Ela chega para o lado.

Continuo até ela estar de costas na parede. Eu me inclino até minha testa estar a dois centímetros da dela. Tão perto que sinto o aroma de hortelã do chiclete.

Resolva isso, a professora Mann disse. E ela está certa. O que aconteceu na sala de aula era para ter sido divertido. É só isso que eu quero, me divertir, e não estragar a vida das pessoas. Foi divertido fazer uma coisa safada e errada. Foi divertido brincar com a ideia de ser visto.

Mas a professora Mann perder o emprego e a filha dela ficar sem teto? Isso não entra na categoria de divertido.

— Então... — digo em voz baixa.

— Hum, Royal, né? — interrompe a garota.

— É. — Não estou surpreso de ela me conhecer. Não que eu tenha orgulho disso, mas os Royal mandam na escola há anos. Felizmente, fugi do papel de liderança. A Ella é a Royal que manda agora. Sou só o agente dela. — E você é?

— Hartley. Olha, eu juro que não vi nada. — Ela levanta a mão como se estivesse jurando.

— Se fosse verdade, você não teria corrido, Hartley. — Reviro o nome dela na cabeça. É um nome incomum, mas não o localizo. Nem o rosto dela, aliás. A Astor não recebe muitos rostos novos. Estudo com a maioria desses babacas desde que consigo lembrar.

— Falando sério. Sou um macaquinho. — Hartley continua a defesa pífia, colocando uma mão sobre os olhos e a outra na frente da boca. — Não vejo o mal, não falo o mal. Não que o que você fez seja mau. Nem o que você *podia* estar fazendo. Não que eu tenha visto nada. De mau ou de bom.

Encantado, coloco a mão sobre a boca de Hartley.

— Você está tagarelando.

— Nervosismo de escola nova. — Ela ajeita o blazer obrigatório da escola e empertiga o queixo. — Talvez eu tenha visto uma coisa, mas não é da minha conta, tá? Eu não vou dizer nada.

Cruzo os braços, o blazer vai se esticando sobre meus ombros. Ela parece querer brigar. Adorei, mas flertar com ela não vai gerar os resultados de que preciso. Insiro certa ameaça na voz, torcendo para que o medo segure a língua dela.

— A questão é que eu não conheço você. Então, como posso aceitar sua palavra?

A ameaça funciona, porque Hartley engole em seco.

— Eu... eu não vou dizer nada — repete ela.

Na mesma hora, me sinto mal. Por que estou assustando uma garota assim? Mas o rosto apavorado da professora Mann surge na minha cabeça. Mann tem uma filha, e Hartley é só mais uma garotinha rica de escola particular. Ela consegue aguentar um aviso.

— É? E se alguém, tipo o diretor Beringer, quem sabe, fizer alguma pergunta? — Inclino a cabeça em desafio, meu tom ficando mais e mais ameaçador. — E aí, *Hartley*? O que você diria?

Capítulo 2



Enquanto Hartley reflete sobre a minha pergunta, eu a catalogo mentalmente. Ela é uma coisinha miúda, deve ter uns trinta centímetros a menos do que meu corpo de um metro e oitenta e cinco. Não há muito para ela se gabar no que diz respeito a peitos e, na parte de baixo, ela está usando mocassins muito feios. Os sapatos são a única coisa não ditada pelo código de vestimenta da escola, a única expressão de individualidade que nos permitem. Os garotos andam por aí de tênis ou botas Timberland. A maioria das garotas opta por algo chique como sapatilhas Gucci ou aqueles sapatos de salto com sola vermelha. Acho que a declaração de Hartley é: “Estou pouco me fodendo”. Consigo admirar isso.

Todo o resto nela é comum. O uniforme é padrão. O cabelo é liso e comprido. O rosto não é estonteante o suficiente para chamar atenção. A Ella, por exemplo, é linda de parar o trânsito. Minha ex, Claire, foi escolhida recentemente como a debutante do ano. Essa Hartley tem olhos grandes de personagens de mangá e boca larga. O nariz dá uma arrebitadinha na ponta, mas nenhuma das feições seria descrita com elogios na *Southern Living Quarterly*.

O nariz se franze quando ela finalmente responde.

— Bom, vamos pensar no que eu vi *mesmo* lá, tá? Quer dizer... Tecnicamente, eu vi uma professora pegando alguma coisa no chão. E um aluno estava, hum, segurando o cabelo dela pra ela enxergar melhor. Foi muito fofo. E gentil. Se o diretor Beringer perguntasse, eu diria que você é um cidadão exemplar e o indicaria a aluno da semana.

— É sério? É isso que você vai dizer? — A vontade de rir é forte, mas concluo que isso arruinaria a eficiência de qualquer ameaça que eu precisar fazer.

— Juro por Deus. — Ela coloca a mão pequena sobre o peito. As unhas são curtas e não apresentam o tratamento perfeito exibido pela maioria das garotas da Astor.

— Eu sou ateu — informo a ela.

Ela franze o rosto.

— Você está sendo difícil.

— Ei, não era eu que estava brincando de xeretar.

— Estamos na escola! — Ela ergue a voz pela primeira vez. — Eu devia poder olhar dentro de qualquer sala de aula que queira!

— Então, você admite que estava me observando. — Luto para segurar o sorriso.

— Tá. Agora, entendo por que você tem que pegar a professora. Nenhuma garota normal ia querer aguentar você.

Ao ouvir a explosão exasperada dela, abro mão da intimidação porque não consigo mais segurar o sorriso.

— Você só vai saber se experimentar.

Ela fica me olhando.

— Você está mesmo flertando comigo agora? Nem fodendo.

— Fodendo, é? — Eu passo a língua no lábio inferior. Sim, estou flertando, porque, por mais comum que possa parecer, ela me intriga. E eu, Easton Royal, estou condenado pelas leis do universo a perseguir tudo o que for interessante.

Há uma faísca de fascinação nos olhos dela. É breve, mas sempre consegui perceber quando uma garota me acha gato, quando está imaginando como seria ficar comigo.

Hartley está pensando exatamente nisso agora.

Vamos lá, gata, me chama pra sair. Faz o que você tem vontade.

Eu adoraria ver uma garota me pegar pelas bolas, metafórica e literalmente, e me dizer que me quer. Na cara. Sem joguinhos. Mas, apesar de todo esse papo de empoderamento feminino, percebi que a maioria das garotas quer que o cara corra atrás delas. Droga.

— Eca. — Ela tenta se afastar. — Falando sério, Royal. Sai.

Coloco as duas mãos na madeira fria dos dois lados da cabeça dela, prendendo-a.

— Senão... o quê?

Os olhos cinzentos cintilam, aumentando minha curiosidade de novo.

— Eu posso ser pequena, mas tenho a capacidade pulmonar de uma baleia, então, se você não se mexer, vou ter que libertar meu kraken oral até a escola toda estar neste corredor me salvando de você.

Eu caio na gargalhada.

— Kraken oral? Parece uma safadeza.

— Estou pensando que tudo deve parecer uma safadeza pra você — diz ela secamente, mas um sorrisinho brinca nos cantos dos lábios. — Falando sério, eu só abri aquela porta porque estou tentando pedir transferência pra aula de cálculo da professora Mann. Mas vou guardar seu segredinho, tá? — Ela abriu as mãos. — E aí, o que vai ser? Kraken oral ou você vai chegar pro lado?

Ameaças não vão funcionar com Hartley, principalmente porque acho que eu não conseguiria ir em frente. Intimidar garotas não é meu estilo: sou mais do tipo que as deixa felizes. Assim, vou ter que acreditar na palavra dela. Ao menos, por

enquanto. Hartley não parece ser do tipo que dedura. E, mesmo que ela saia falando, sempre posso contar com a minha carteira. Pode ser que meu pai tenha que bancar outra bolsa de estudos pra me tirar da confusão com a professora Mann, mas ele já fez isso antes pelo Reed e pela Ella. Acho que mereço um legado no meu nome.

Sorrindo, chego para o lado.

— Escuta, se você quiser ir pra turma de cálculo — indico a sala no final do corredor —, sugiro que fale com ela agora. Você sabe... — Dou uma piscadela. — É melhor falar com ela quando as defesas estão baixas.

O queixo de Hartley cai.

— Você está dizendo que eu devia chantagear a professora? Dizer que só vou ficar de boca calada se ela aprovar minha transferência?

Dou de ombros.

— Por que não? Você tem que fazer o que é bom para você, né?

Ela me observa por um longo momento. Eu daria muita coisa pra saber o que está passando naquela cabeça dela. Ela não me passa nada.

— É, acho que sim — murmura ela. — Até mais, Royal.

Hartley passa por mim. Sigo atrás dela, vejo-a bater na porta e entrar na sala de aula da professora Mann. Ela vai seguir o caminho da chantagem? Estou duvidando, mas, se seguir, a transferência vai ser aprovada imediatamente; a professora Mann faria qualquer coisa para impedir que Hartley nos dedurasse.

Apesar de ter executado minhas ordens de “resolver isso” com sucesso (ou, pelo menos, é o que eu acho), não saio do corredor. Quero ter certeza de que nada de ruim vai acontecer entre Hartley e a professora Mann. Assim, dou um tempo do lado de fora da sala, que é onde meu amigo e colega de time, Pash Bhara, me encontra.

— Ei — diz ele, revirando os olhos. — Você ia me dar carona pra casa. Estou esperando lá embaixo tem uns quinze minutos.

— Ah, merda, cara. Eu esqueci. — Dou de ombros. — Mas a gente não pode ir ainda. Estou esperando uma pessoa. Dá pra esperar mais uns minutos?

— Tudo bem, beleza. — Ele para do meu lado. — Já está sabendo do novo *quarterback* que estão querendo trazer pra cá?

— É mesmo? — Nós perdemos o primeiro jogo da temporada na sexta e, do jeito que nossa ofensiva jogou, devíamos ir nos acostumando. Kordell Young, nosso *quarterback* iniciante, arrebentou a patela na segunda jogada, nos deixando com dois alunos mais pirralhos que estão concorrendo a Debi e Loide.

— O treinador acha que, com a contusão, nós vamos precisar de alguém.

— Ele estaria certo, mas quem vai vir pra cá depois do começo da temporada?

— O boato é que é alguém da North ou da Bellfield Prep.

— Por que essas escolas? — Tento me lembrar dos *quarterbacks* das duas, mas nada me ocorre.

— Eles devem ter o mesmo tipo de ofensiva, eu acho. O cara de Bellfield é legal. Já fui a festas com ele algumas vezes. Careta, mas decente.

— Não vejo problema aí. Sobra mais bebida pra nós — brinco, mas estou começando a ficar inquieto. Hartley está lá dentro há muito tempo. Só levaria uns cinco segundos pra professora Mann escrever o nome dela na ficha de transferência.

Olho pela janelinha na porta, mas só vejo a parte de trás da cabeça de Hartley. A professora está fora do meu campo de visão.

Por que a demora? Não tem como a professora Mann não aceitar na mesma hora o pedido de Hartley.

— Concordo. — O celular dourado de Pash vibra na mão dele. Ele olha a mensagem e balança o celular para mim. — Você vai sair hoje?

— Talvez. — Mas não estou prestando atenção nele. Eu me viro para dar outra olhada na janela da professora Mann. Pash repara desta vez.

— Cara, é sério isso? A professora Mann? — diz ele, com as sobrancelhas arqueadas. — Já cansou das garotas da Astor? A gente pode pegar o avião do seu pai pra Nova York. A Semana de Moda está começando, e a cidade vai estar cheia de modelos. Ou podemos esperar o novo *quarterback* chegar e arrumar umas amigas dele pra gente. — Ele pisca para mim e me cutuca. — Se bem que não tem nada como fazer uma coisa que a gente não devia estar fazendo, né?

Irritado de ele ter acertado, minha resposta sai concisa.

— Errado. Ela é velha demais.

— Então, quem é? — Pash tenta espiar atrás de mim enquanto uso o corpo grande para bloquear a janelinha.

— Ninguém. Tem uma garota lá dentro e estou esperando que ela saia pra ter certeza se anotei o dever de casa certo.

— Os deveres de casa estão on-line — diz ele, sem colaborar.

— Ah, é verdade. — Mas eu não me mexo.

Naturalmente, Pash só fica mais intrigado.

— Quem está aí dentro? — pergunta ele, tentando me empurrar de lado para olhar.

Decido me deslocar e deixar que ele investigue, porque, senão, ele não vai parar de me perturbar.

Pash encosta o nariz na janela, olha bastante e conclui.

— Ah. Então você *veio* ver a professora Mann.

— Eu disse que vim. — Mas agora estou confuso: qual foi o motivo de ele descartar tão rapidamente Hartley como foco do meu interesse?

Ele olha o celular de novo.

— Tá, isso é chato. Encontro você lá embaixo, no estacionamento.

Quando ele começa a se afastar, a curiosidade fala mais alto.

— Por que não a outra garota? — grito para ele.
Ele se vira e, andando de costas, diz:
— Porque ela não é seu tipo.
— Qual é meu tipo?
— Gostosa. Gostosa, peituda. Gostosa — repete ele, antes de desaparecer na esquina.

— Uau — comenta uma voz seca. — Estou arrasada por seu amigo achar que sou ruim e reta.

Quase dou um pulo de um metro e meio.

— *Jesus*. Dá pra você fazer um pouco de barulho quando se mexe?

Hartley sorri para mim e ajusta a tira da mochila enquanto anda.

— É isso que você merece por ficar se esgueirando perto da porta. Por que ainda está aqui, afinal?

— Conseguiu resolver tudo? — pergunto, andando ao lado dela.

— Consegui. — Hartley faz uma careta. — Acho que ela percebeu que fui eu que vi vocês, porque ficou constrangida e disposta a fazer tudo o que eu pedi. Estou me sentindo mal.

— Não devia. A profe cometeu um erro e agora está pagando. — Era para ser em tom de sarcasmo, mas o comentário sai insensível, e percebo no momento em que Hartley franze a testa para mim.

— Ela não estava se agarrando sozinha, Royal.

— Não, mas teria sido um tesão — tento brincar de novo, mas é tarde demais.

— Imbecil. — Hartley abre a porta da escada e passa por ela. — De qualquer modo, sua missão aqui acabou. Foi bom falar com você.

Corro atrás dela, praticamente a perseguindo pela escada.

— Ah, para com isso, não fala assim. A gente estava começando a se conhecer. Estava *se conectando*.

A risada dela ecoa pelas paredes da escadaria.

— Nós não estamos nem nunca vamos *nos conectar*. — Ela acelera o passo e desce dois degraus de cada vez para se afastar de mim mais rápido.

— Nunca? Por que tanta certeza? Você devia me conhecer. Sou encantador.

Ela para, a mão no corrimão, os pés prontos para sair correndo.

— Você é encantador, Royal. Esse é o problema.

E, com isso, ela desce o resto da escada correndo.

— Se você queria me deixar menos interessado, esse não é o jeito de fazer isso — falo para as costas cada vez menores dela. A bunda está linda embaixo da saia plissada do uniforme da Astor Park.

Só quando chega do outro lado do saguão é que ela para e me lança um olhar distraído.

— Vejo você por aí, Royal. — Com um aceno leve, ela sai pelas portas enormes de carvalho.

Meu olhar permanece grudado no corpinho miúdo, e me vejo sorrindo para nada e ninguém.

É...

Acho que vou pegar essa garota.